

Para meditar

Por António Luis Ferreira

Diz-se que as ideias possuem elastérios infinitos como o próprio universo e que existe dentro de nós vários sistemas planetários que nos podem iluminar a existência, tal como temos recessos do nosso espírito a existência das tempestades, tragédias e catástrofes se para isso se disporer a nossa imaginação, fertilíssima, no desenvolvimento de temas livres! Tentei afastar para longe as sombras negras que vivem dentro de mim e de quantos amam e respeitam a Pátria que nos foi berço, pelo que busquei nos sóis do pensamento os temas «Para Meditar» que vos ofereço depois de ter ouvido e seguido os ditames da minha própria consciência. Amito não ter atingido os objectivos em vista; mas de qualquer modo não me furtei a escrever o que me foi ditado pelo meu actual estado de espírito.

A transformação de um homem em fera humana por causa de uma paixão mesquinha, ou em herói por causa de uma paixão generosa ou idealista é fenómeno frequente da mesma forma que se processa a transformação mais ou menos repentina, no carácter de um aglomerado humano quer seja pelo terror, quer quer seja influenciada por um sonho ou alto ideal. A manifestação transloucada de homens para se matar outro homem que dias antes haviam ovacionado, os movimentos e euforia manifestados no 1.º de Dezembro de 1940, no 5 de Outubro de 1910, no 28 de Maio de 1926 ou no 25 de Abril de 1974 são exemplos positivos da transformação do carácter dos aglomerados humanos. Apesar de tudo, os acontecimentos do 1.º de Dezembro de 1940 têm um significado aparte por nos falarem de patriotismo, de dignidade, de fé e de honra, factores comprovados nos primeiros de Dezembro de 1977 e 1978.

O homem aflige-se por não poder praticar todo o bem que deseja; por outro lado, se pusermos nas mãos desse mesmo homem, um chicote, tal como lembrou Emílio Zola, poderemos verificar como ele se porta!

O homem da rua e não só ele! maneja, sem custo, as palavras Liberdade e Democracia, porquanto alheio a qualquer esforço para as esclarecer e delimitar ou, inclusivamente, apurar as suas notas caracterizadoras. As imagens que essas palavras suscitam variam de homem para homem, de povo para povo e, até, de país para país.

Liberdade não é, apenas, crer numa forma política através da qual possamos fazer aquilo que desejamos sem o menor respeito pelo próximo; é crer na dignidade humana, na cooperação fraternal, na força intrínseca da verdade. A Democracia só poderá medrar nos países aonde haja um lastro moral, cívico, educacional e espiritual, em que a liberdade seja usada em benefício

Segue na 2

Almofala de Baixo A Câmara ignora a sua existência ...

A povoação de Almofala de Baixo é, sem sombra de dúvida, a mais industrializada de todo o concelho em cujo contexto e do ponto de vista económico, ocupa lugar de destaque. Tão importante factor não chegou, porém, para sensibilizar a Câmara que temos, que tem votado aquela povoação e a do Bairro que lhe fica parades meias, ao mais completo e chocante abandono.

Ali não existe sequer um fontenário, bom grado o numeroso núcleo populacional.

As pessoas utilizam água dos poços, obrigando-se a sacrifícios sem conta e muitas, são abastecidas pelas fábricas ali instaladas cujos proprietários por sua vez, se obrigaram a despesas enormes para assegurar o abastecimento das suas unidades fabris.

«Dar de beber a quem tem sede» é uma obra de misericórdia mas a Câmara que temos, não se comove com essas ninharias e prefere esbanjar as massas na construção de piscinas para cisnes, tascas no parque, carros de luxo, etc. etc. . . .

Um riacho separa Almofala das Ferrarias de Maçãs e a construção de uma ponte não constituiria encargo de relêvo, mas para essas obras úteis e necessárias a Câmara que temos não dispõe de dinheiro (e cá vem outra vez a piscina dos cisnes, a taca do parque, etc. etc. . . .), mas a falta dessa ponte obriga as pessoas de Almofala e Bair-

continua na 8.ª

Agradecimento

José Rodrigues Dias

A família do falecido Professor José Rodrigues Dias, vem por este meio testemunhar o mais profundo reconhecimento a todas as pessoas que acompanharam este saudoso extinto à sua última morada.

Igualmente agradece aos Bombeiros Voluntários e Irmandades de Senhora dos Remédios e do Senhor dos Passos.

Para todos a sua mais profunda gratidão.

SOLDAGAZ, LDA.

Material eléctrico

Secção

Electrodomésticos

Agente «SIEMENS»

Revenda

Rua de Coimbra, 82

POMBAL

SICLAVE

Tintas — Vernizes;

Construção Civil —

Ramo Automóvel

Distribuidora:

SOLDAGAZ, LDA. — Rua de Coimbra, 82 — POMBAL

PARA MEDITAR

Da 1.ª página

de toda a colectividade e não sirva de instrumento para as ambições de alguns privilegiados, cabendo aos homens dignos, aos moderados e conscientes, a tarefa de elaborar uma mística que impulse os verdadeiros ideais democráticos. Devem eles ensinar aos outros homens que os verdadeiros inimigos da liberdade e da democracia são: a ignorância, o egoísmo, a mentira, a prepotência, a miséria, o vício, o desemprego, a ociosidade e a falsa demagogia.

Liberdade é santidade sem pompas, alegria sem petulância, trabalho sem servilidade, divertimento sem loucura, cuidado sem preocupações, sistema sem escravidão, abandono sem vício, favor sem fanatismo, delicadeza sem fragilidade, força sem violência, coragem sem impetuosidade, doçura sem insipidez, argúcia sem egoísmo, amor sem cegueira, devoção sem carolice, respeito sem baixeza e vida sem limitações.

Só a vida produz vida se o homem respeitar a própria vida. Por mais que nos esforcemos, somente valem pelo valor real que temos. Não é a desejarmos para os outros o que não queremos para nós; nem a destruir, nem a criticar leviana e maldosamente os erros do semelhante sem que tenhamos soluções para os mesmos, que poderemos construir o futuro que desejamos ou que dizemos desejar.

Shakespeare disse que «o perdão cai como a chuva suave do céu na terra. É duas vezes bendito: bendito ao que dá e bendito ao que recebe». Também R. Rueckert escreveu: «Perdoa a quem deu um passo em falso; lembra-te de que tu, também, tens um pé que pode falhar...». E é que muitos pés têm falhado...

Pensem, pois, os nossos actos, meçamos as nossas palavras, revisemos os nossos juízos, consideremos, atentamente, os nosso pensamento e limpemos a nossa vontade; acrisolemos os corações, preparemo-nos, em suma, para enfrentarmos as verdades sem as mistificarmos, para sermos justos; para resolvermos os nossos problemas com a devida maturidade e consciência. No final desejaremos saber, com certeza, quem somos? Então poderemos contar connosco!

Arredemos das nossas mentes os maus pensamentos para que possamos encontrar a alegria, a felicidade, a paz, a saúde, o amor, a prosperidade, a bondade, a abundância e o próprio respeito por nós e pelo nosso semelhante. O mundo em que vivemos necessita de mais compreensão, de bondade, de discernimento e de justiça. Devemos empenhar-nos pelo presente, pelo hoje, pelo agora e por este instante. As leis do pensamento são as que regem o universo. O pensamento é anterior ao facto. Todos os factos preexistem no pensamento. Portanto, teremos de ser factores en-

Segue na 7

Quando se conclue a Morgue?

O processamento das autópsias continua a ter por cenário a enxovia de um imundo quarto do antigo Hospital anexo ao Convento do Carmo. Surpreende-nos, até, que os médicos aceitem trabalhar ali, sem um mínimo de condições, onde tudo falta e apenas sobram lixo e ruínas.

Junto ao cemitério existem instalações adequadas para funcionamento da morgue todavia, e nem sabemos por que insondáveis mistérios, permanecem sem utilização, simplesmente porque o presidente da Câmara que temos (certamente porque os mortos já não lhe podem bater palmas) teima em não aproveitar o trabalho iniciado pelo antigo Presidente Antero Barreiros.

Efectivamente, Antero Barreiros melhorou consideravelmente a morgue, ligando os esgotos à rede, instalando mesa dotada dos indispensáveis escoadouros, sanitários, lavatórios, instalação eléctrica, etc., portanto, realizando o fundamental em termos de tornar a morgue operacional.

Mas a Câmara que temos ignora essa coisa de trabalhar a sério para a comunidade. Só trabalhos de fachada a preocupam e, neste caso da morgue, a fachada não surge porquanto os mortos não batem palmas . . .

Mas, além de não utilizar a morgue, a inepta Câmara que temos e o «popular» presidente que aí está, nem sequer ali promove obras de conservação o que bem se evidencia das portas empenadas e com aros a apodrecer. A isto chama-se administrar bem os dinheiros municipais.

Continua na 28

Assunção da Natividade

Agradecimento

A família de Assunção da Natividade vem por este meio agradecer aos Exmos. Médicos, Doutores Luis Frias, Queiroz, Manuel e Branco o desvelo, dedicação e dignidade profissional que puzeram na assistência àquela sua saudosa familiar. Agradecimentos que tornam extensivos ao pessoal responsável da Caixa de Previdência do Distrito de Leiria, cujo espírito de compreensão foi extraordinário.

Para todos a sua maior gratidão

João da Silva Veiga

SOLDAGAZ

Sociedade de Soldas e Gazes, L.da

Rolamentos «RHP - TIMKEN - STEYR»

Máquinas — Ferramentas (Dowidat)

Acessórios — Automóveis

Gazes Industriais e Medicinais

Electrodos — Maçaricos — Soldas

Produtos 3M (Company)

Lixas e Colas

Motosserras «Jonsereds»

Agentes «Arlíquido»

Revendedor da Marca Izuzu 3.500 Kg.

Rua de Coimbra - 82

POMBAL

Victor Camoezas

Eleito Dirigente Nacional das Casas do Povo

Realizou-se em 2 de Novembro de 1978 a eleição dos Dirigentes Nacionais das Casas do Povo, e o nosso conterrâneo Victor Jorge Camoezas foi eleito, em representação do distrito de Leiria.

Catorze candidatos reuniram-se em Leiria, representando as 29 Casas do Povo do distrito e no 1.º escrutínio Victor Camoezas ficou empatado com o representante da Casa do Povo da Marinha Grande mas no segundo escrutínio a maioria votou no nosso conterrâneo que assim foi eleito para a Comissão Nacional de Dirigentes.

Usando da palavra após a eleição (que constitui uma honra para a nossa terra), Victor Camoezas afirmou estar consciente das responsabilidades que a partir daí impendiam sobre si, comprometendo-se a honrar essas responsabilidades, uma vez que o peso das mesmas concidia com o seu pensamento de ser sempre e sem intransigências, um defensor dos interesses do povo mais necessitado da sua terra e do seu distrito.

Salientou a necessidade da realização frequente de reuniões tendo em vista a troca de opiniões e a estruturação de um programa de trabalhos que possa efectivamente realizar os objectivos que determinaram a criação das Casas do Povo.

«Infelizmente — disse Victor Camoezas — para a maioria dos habitantes do meu concelho, as novas formas de vida que o 25 de Abril preconizou para todos os trabalhadores, só muito esbatidamente ali chegaram. Por isso eu digo que são os trabalhadores rurais, a classe mais desfavorecida do nosso País. As suas regalias sociais estão condicionadas às leis da natureza comandadas por S. Pedro . . . Se o tempo está bom têm trabalho, mas se S. Pedro manda chover ficam sem casa.

São os trabalhadores rurais como disse, a classe social mais desfavorecida do País pois que, deles se exige tudo e pouco ou nada se lhes dá em troca. Não têm as mesmas regalias que são dadas aos restantes trabalhadores, nomeadamente ordenados compatíveis, visto estarem sujeitos aos patrões tradicionais. Não



reivindicam subsídios de férias ou de Natal e até são os únicos trabalhadores que não fazem greve.

Produzem até ao limite máximo das suas forças e no fim dos seus dias têm, através da Casa do Povo, como dádiva o caixão, a Irmandade, o Padre e o sacristão até à última morada.»

Referiu depois o papel importante das Casas do Povo e, abordando o esforço da Casa do Povo de Figueiró dos Vinhos, salientou que ela é a melhor obra social ali existente e que, a despeito da Comissão Administrativa ser constituída por elementos de vários partidos, a «partidarite» não se instalou ali e o lema comum é bem servir o melhor possível. Afirmou ainda a necessidade de uma Lei Orgânica a reger as Casas do Povo por forma a ampliar uma acção que sendo boa hoje, tem necessariamente de completar-se. Falando sobre as reformas, afirmou a necessidade de uma melhor definição dos serviços a prestar à Previdência e esta aos seus associados e as mazelas que se evidenciam da actual situação de pagamento das reformas aos rurais.

Depois de uma dissecação longa do assunto, disse a ilustrar a sua tese, que o pessoal administrativo da Casa do Povo de Figueiró chegava a levar ao leito dos beneficiários a sua pensão em notas do Banco e que hoje, é o beneficiário que se desloca, gastando as suas parcas economias e sujeitando-se a vários oportunismos até de familiares. Contou o caso de uma senhora das Bairradas que implorou na Casa do Povo para não deixarem que seu marido recebesse a sua pensão pois o indivíduo, alcoólico inveterado, o gastava todo na taberna!

Salientou o papel das Casas do Povo na formação da juventude e não só retravés do desporto, para o que será necessária uma perfeita conjugação de esforços entre a Secretaria de Estado da Cultura, Direcção Geral de Desportos, Faoj e Inatel.

«O único divertimento de muitos trabalhadores — afirmou — é a taberna, que no meu concelho proliferam havendo mais de 100, fenómeno que é apoiado pela Câmara Municipal e sobretudo pelo seu presidente, pois ainda recentemente se gastaram dos dinheiros públicos meio milhão de escudos numa taberna que foi implantada na sala de visitas da minha terra — Jardim Parque, em detrimento de obras úteis e absolutamente necessárias para servir a comunidade.»

Victor Camoezas, que no final foi felicitado pela sua brilhante exposição, terminou por alvitrar a criação de delegações das Casas do Povo nas sedes das freguesias mais populosas, medida que se nos afigura de extrema importância.

Também nós queremos aproveitar a oportunidade para felicitar Victor Camoezas, quer pela sua eleição como e sobretudo, pela forma clara, e objectiva como abordou os problemas «quentes» de uma classe — o trabalhador rural — que tem sido ostensivamente votada ao mais descoroçoante abandono.

Quando se conclue a Morgue?

conclusão

país . . .

Também fobi durante a Presidência de Antero Barreiros que se construiu junto à Capela um anexo destinado a recolha de ferramentas e onde deveria ser colocada uma secretária para uso do encarregado do cemitério mas tudo isso, a partir da entrada de Zé Abreu, ficou como estava e nem sequer uma porta se colocou nesse anexo, o que dá origem a que aquilo sirva para tudo . . . menos para os fins a que se destinava.

Aproveitamos a oportunidade para perguntar à Câmara quando é que poupa tantas piscinas para cines, nas tascas e nos carros de luxo (etc. etc. etc.), para prover ao alcatrimento do parque fronteiro ao cemitério e quando é que a ali próximo constrói as necessárias instalações sanitárias?

Aniversário da Filarmónica Figueiroense

No dia 8 de Dezembro, Dia de N. S. da Conceição, passou mais um aniversário da secular Filarmónica Figueiroense. A despeito do mau tempo que se fez sentir, a efeméride foi assinalada, não se cumprindo o programa, sobretudo no aspecto religioso visto que a chuva não permitiu a realização da Procissão em honra de N. Senhora da Conceição. De qualquer modo a Filarmónica, que logo pela manhã percorreu as ruas da Vila cumprimentando a população, no respeito pela tradição deslocou-se até à pequena Capela e, sob chuva violenta, interpretou alguns números numa homenagem plena de significado a Nossa Senhora.

Após a missa e ainda devido ao mau tempo não foi possível à Filarmónica realizar um pequeno concerto que estava previsto.

Cerca das 14, horas e no Salão Paroquial, teve início o almoço de confraternização que foi presidido por José Abreu Nunes, Presidente da Direcção e a que assistiram, como convidados, o Padre Belarmino Soeiro, o grande amigo da Filarmónica, Jerónimo Paiva, Armindo Rosa Lopes, outro amigo dedicado, os membros da Comissão de Apoio, Fernando Rosalino, Armando J. Godinho, António Almeida Alves, António Augusto Alves, (não tendo comparecido José Cunha Ramos por motivo de doença) os representantes do nosso Jornal e de A Regeneração, o Maestro Carlos Ferreira de Oliveira e todos os executantes da Filarmónica.

Em determinada altura usou da palavra José Abreu Nunes que depois de prestar homenagem ao saudoso Dr. Fernando Sebastião [tendo-se guardado um minuto de silêncio em sua memória), invocou os grandes amigos da Filarmónica; Luis Bento Susano e Esposa que, doentes, não puderam estar presentes. «E lamentamo-lo — afirmou José Abreu Nunes — porque o Casal Bento Susano, sendo como é o maior benemérito da nossa Filarmónica, deveria aqui ser homenageado pelo facto de há pouco haver sido agraciado pelo Governo, com a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência, homenagem justa da Nação a um Casal exemplar e à

qual nos associamos felicitando tão queridos Amigos. Os nomes de Luis Bento Susano e D. Maria Josefa foram vitorizados por todos os presentes, com o maior entusiasmo, numa homenagem de gratidão que define exactamente o espírito que envolve esta magnífica família que é a Filarmónica Figueiroense. Igualmente a figura de Julio Batista Alcobia, que é Presidente da Assembleia Geral, e que por ponderosas razões não pôde estar presente, foi invocado, tendo José Abreu Nunes tecido o justo louvor daquele que tem sido dos mais dedicados elementos afeitos à Filarmónica. O nome de Julio Alcobia foi igualmente bastante aclamado. Como também o foram os nomes dos Homens da Comissão de Apoio à Filarmónica — que até ao momento já entregaram cerca de 30 contos —, do Eng.º Alexandre Calheiros Ferreira, ausente no Brasil e que recentemente entregou à Filarmónica 5.000\$00 e o de Armindo Rosa Lopes, que também ofereceu cinco mil escudos.

José Abreu Nunes prosseguindo, afirmou a dado passo:

— «Algumas horas de alegria, de boa vontade exuberantemente manifestadas — e porque não dizê-lo de orgulho, por termos sabido conservar e seguir a nossa linha de rumo, o caminho que traçámos o qual, não obstante as vicissitudes dos tempos que correm e a incoerência e incompreensão dos homens, tem sido perecorrido com humildade, mas com firmeza e determinação.

Assim, a nossa colectividade apesar das provocações e atentados destabilizadores à união

em que reside a nossa força, jamais se desviou dos ideais que prossegue, desencorajando e derrotando, por isso, todos os grupos de pressão empenhados em levar por diante, como agora se diz, uma política de terra queimada, para implantarem depois, sobre as cinzas dos nossos sacrificios e do amor e dedicação em prol da Filarmónica, uma outra que sirva os seus interesses e satisfaça determinados fins que nada têm a ver com actividade que especificamente nos compete desenvolver, sem submissões a quaisquer forças estranhas, tenham elas a proveniência que tiverem.»

Referindo-se depois a um «penoso acontecimento, aquilo que podemos classificar de operação surpresa», Abreu Nunes disse:

— «Quero referir-me, como sabem, à desocupação que nos foi imposta da nossa sede e à posterior demolição do edificio onde estava instalada. Em pouco mais de dois meses e sem ter sido tomado em consideração o facto ponderoso de a ocuparmos há mais de 32 anos, e de não haverem sido tomadas por quem de direito, com a devida antecedência, as providências que inevitavelmente se impunham para assegurar, condignamente a sua existência, fomos colocados na triste condição de inquilinos com prazo perentório de despejo.

Perante esta situação, os Filarmónicos e a Direcção, possuídos de um sentimento unânime de repulsa e indignação reagiram imediatamente, resolvendo, na memorável sessão de Outubro, expôr à Câmara Municipal a sua posição, explicitando nela os direitos que julgavam assistir-lhe, propondo as soluções que o caso requeria e pondo as condições para se efectuar a desocupação.

continua na página 6



PANORAMA

Restaurante - Salão de Festas

Telef. 4 2115

R. Major Neutel de Abreu - FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Ambiente agradável e acolhedor - Decoração moderna

Capacidade para 200 pessoas - Parque de estacionamento privativo

Especialmente preparado para servir:

Casamentos — Batizados — Confraternizações

Serviço de Restaurante Diário

(encerrado às Terças-Folras)

PELOURO AGRICOLA

Secção dirigida pelo Eng. Jorge Claro

Ministério da Agricultura e Pescas

Tratamento de Inverno de Fruteiras

Não esquecer que com os tratamentos de inverno, que nós chamamos também preventivos, vamos ajudar os de Primavera-Verão, procurando a que logo no início de aparecimento das primeiras folhas ou flores, não apareçam fortes ataques dos muitos parasitas ou doenças, que com certeza iriam provocar grandes danos às plantas.

Dado que estamos em plena época da poda, em especial das árvores caducas (das que estão sem folhas) devemos eliminar com aqueles, todos os ramos secos e os portadores de pragas e doenças, assim como todos os frutos mumificados.

Portanto só devemos tratar, depois da poda, dado que aproveitamos o tratamento para a desinfeção das feridas feitas com a poda.

Lembramos que a eficácia dum tratamento depende muito de vários factores, dos quais destacamos: qualidade do produto utilizado, poder de penetração, maneira uniforme como recobre todas as partes da planta (troncos, pernadas, ramos, folhas, etc.) ou seja, como foi aplicada e duração do tempo bom (sem chuva) que se fez sentir depois da sua aplicação, devendo sempre permitir deixar secar bem a calda.

Dado que os ovos, larvas ou adultos dos inúmeros insectos e ácaros, e, as frutificações dos fungos (que dão origem por exemplo ao pedrado), nas suas formas de resistência ou hibernante, se instalam durante o Inverno, sob as cascas das pernadas, ramos ou escamas dos gomos, ou ainda uns musgo e líquens, que abriguem igualmente muitos parasitas, terá que ser durante o Inverno que iniciamos os nossos tratamentos fitossanitários.

O tratamento que vamos indicar para esta época (Janeiro a Março), podemos dizer que dum maneira geral dá para todas as plantas, des-

de as macieiras até às laranjeiras (estas enquanto houver frio e humidade), passando pelos pessegueiros e marmeleiros.

Aconselhamos, para o vosso primeiro tratamento, produtos tendo como base:

Oxido Cuproso ou Oxidoclorreto de Cobre ou a Calda Bordaleza a 1,5%

Tanto as quantidades ou doses a empregar na preparação da calda para o tratamento, como os cuidados a ter na sua aplicação, vêm escritos nas embalagens ou pacotes do produto, que devem ser lidos com muita atenção.

Este tratamento que é destinado especialmente a combater os fungos (que dão origem ao pedrado, lepra, escrivado, mildio, etc.) deve ser feito, pelo que dissemos atrás, gas-

tando muita calda, portanto molhando muito bem toda a planta até à raiz, isto é, a «lavar» a árvore. É um tratamento que nós designamos, por gastar muita calda, de alto volume, devendo por conseguinte utilizar aparelhos próprios, como por exemplo os pulverizadores acoplados a tractores ou as conhecidas e práticas «máquinas de sulfatar».

Para os que se tenham esquecido o que é a calda bordaleza a 1,5% diremos que é feita empregando 1Kg. de sulfato de cobre, 1,5Kg. de cal e 100 Lts de água.

*

Se tiver algumas dúvidas, deve dirigir-se ao Técnico Agrário do seu concelho, que está junto da Cooperativa, e lhe prestará todos os esclarecimentos.

Aceitam - se Crianças

Senhora com conhecimentos de puericultura aceita crianças com idade até aos cinco anos.

Tratar nesta Redacção ou pelo telefone, 42410.

Fabricante das Bombas

AGER
PORTUGAL

Betoneiras para
Construção Civil

Telefone: 3 21 61

António Marques Boavida

Importador de Motores

Representante exclusivo
dos Motores:

Mag (suíço)

e Rottax (Austriaco)

Almofala de Baixo - Avelar

MINI MERCADO ARCADEA

DE MANUEL ANTUNES

É o seu Cabaz de Compras sem inflação!

É a Despensa Económica de todas as donas de casa

Onde se não sente o aumento do custo de vida

Visite-nos. Aprecie a magnífica gamma de bibelots

Produtos de beleza — Novidades e Brindes

Rua L. P. U. à Egas Moniz Bloco A

TOMAR

Filarmónica

Conclusão

O desfecho desta lamentável ocorrência já todos, mais ou menos o conhecem: foi-nos destinada uma casa para instalação da sede, que a nosso ver, não corresponde às condições mínimas exigidas e ainda assim por especial deferência dum particular. Quanto ao futuro nada de concreto e objectivo nos garantiu a Câmara a não ser promessa, muito vaga, de se interessar pelo assunto da construção da nova sede ou a cedência de um terreno onde se possa implantá-la.»

Fez em seguida uma análise serena e lúcida do que foi o trabalho de um ano e prestou calorosa homenagem aos Filarmónicos, pela sua dedicação, espírito de disciplina e amor à música, realçando a figura do Regente da Filarmónica, Carlos Ferreira de Oliveira, que soube dirigir com acerto aquele grupo de homens de boa vontade que hoje integram uma Filarmónica onde a harmonia integral é nota dominante. Salientou ainda o trabalho de Vaseo Pereira, a colaboração dedicada dos músicos da Castanheira de Pera, e o es-

Que se passa com o Bairro das Tábuas?

O Bairro dito económico(!), mais conhecido por Bairro das Tábuas, sito ali ao Barreiro, cuja construção começou há um rôr de tempo, assemelha as obras de Santa Engrácia, nunca mais chega ao fim . . .

Não está habitado e com esta chuvinha miuda que tem desabado e até se mete nos ossos, qualquer dia apodrece sem haver sido utilizado, enquanto dezenas de pessoas choram por uma casa que nunca mais chega. Dizem-nos que a coisa está presa apenas pelas fossas e também consta que estas se não fazem por falta de dinheiro! Então como é?

forço de Manuel Ideias.

Após os aplausos que premiaram as palavras de José Abreu Nunes, usaram da palavra em nome dos Filarmónicos Augusto de Carvalho e em nome da Comissão de Apoio, António Augusto Alves, cujas palavras, plenas de calor e oportunidade, foram recebidas com vibrantes aplausos. E assim terminou, em afectividade e fervor, este convívio da grande família que é a Filarmónica Figueiroense.

Estragaram-se milhares de contos em tascas no parque, piscinas para cisnes, carros de luxo para presidente passear, carros de luxo para o lixo, etc. etc., e agora não se fazem as fossas no Bairro por falta de dinheiro?

Mas que vem a se: isso?

A quem estão entregues os destinos do concheo de Figueiró?

Quem vai pedir contas por tantos disparates?

Quem vai compenar as gentes pobres que não têm casa e aguardam a conclusão do bairro das tábuas, e que têm sofrido, sabe Deus como, os rigores deste inverno que nos fustiga?

Quando se convence a Câmara que temos e o seu presidente Zé Abreu de que tem de realizar trabalho útil e não de fachada, de que as pessoas merecem mais consideração que os cisnes, de que uma casa de habitação é mais importante e necessária que uma tasca no parque?

Quando se convence Zé Abreu de que ser presidente de Câmara é algo mais que ser pavão?

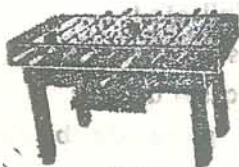
JOGOS BRALUX

DE

Eduardo Dias Braz

Armazém de confeitaria e bebidas

SNOOKERS



BILHARES LIVRES

MATRAQUILHOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Para meditar

Conclusão

ciclopédicos — trabalhar com a mente — e cada coisa em redor de nós será o resultado. Todo o homem poderá edificar no mais fundo do seu pensamento um abrigo para resguardar-se dos mais mortíferos projecteis — ódios, palavras inflamadas e sabiamente envenenadas — das palavras que ecoam por este Portugal, vilipendiado e atraído, que tendem cada vez mais a reduzi-lo a menos...

Vivemos com os nossos defeitos como em odores que trazemos; não os sentimos, mas eles incomodam os outros...» O pensamento que deixamos transcrito é de Madame Lambert, pensamento que bem podemos aplicar ao que se passa entre nós nos tempos presentes. A falta de civismo, de moral, de dignidade, de labor, de compreensão, de respeito pelo próximo são bem evidentes no nosso país. Eles minam a sociedade e incomodam as maiores esmagadoras do povo, do povo digno e honrado, patriótico e trabalhador que cansado do odor pestilento das minorias continua a dizer basta! sem que a consciência ouça a sua voz. Talvez porque, tal como disse a Condessa de Diane: «as horas batem igualmente para todos, mas possuem um som diferente para cada um de nós!...».

1.º de Dezembro de 1640. Um grupo de patriotas portugueses libertaram Portugal do jugo espanhol. Miguel de Vasconcelos paga com a vida a sua traição, à Pátria. E da varanda do Palácio da Independência foi proclamado o novo Rei D. João IV, ouvindo-se, então, o povo gritar Liberdade! Liberdade!. 1.º de Dezembro de 1978. Descem pela Avenida da Liberdade rumo aos Restauradores, mais de duzentos mil portugueses entre os quais milhares de jovens, fracção das maiorias esmagadoras que desejam Portugal independente e redimido.

Natal de 1978. Natal que desejamos de Paz e Amor. Festa da Natividade de Cristo. Natal que me inspira a dirigir-me aos jovens. Não somente aos que desfilarão pela Avenida da Liberdade no 1.º de Dezembro, como a todos os jovens de Portugal: Não deixeis que os vossos corações se envolvam com a neve da descrença. Fazei das vossas vidas um desafio cerrado a tudo quanto seja capaz de comprometer o vosso patriotismo. Deliciai-vos por saber que a Pátria conta connosco e na certeza de que podereis contribuir para a Restauração de Portugal. Inclinaí-vos sempre diante do Altar da Pátria e da Justiça. Se assim o fizerdes Portugal não morrerá. Que este Natal de 1978 traga a Paz, o Pão e a concórdia a todos os lares, a todos que desejam que Portugal continue a ser Portugal.

Alexandre Mendes da Silva

Comércio Geral

Agente das Companhias de Seguros: *Império, Sagres, Universal* e das Máquinas de Costura *Alfa, Sigma, Borlett, e Vigorelli.*

Motores de Rega das Melhores Marcas

Ferragens

Telefone 4 54 68

Pedrógão Grande

Fernando Nunes Antão

Agente da Companhia de Seguros

Sociedade Portuguesa de Seguros

Tecidos — Miudezas — Mercenarias

Artigos das melhores marcas

Largo da Deveza

Telef. 4 52 26

PEDRÓGÃO GRANDE

Almofala de Baixo

conclusão

ro, que têm propriedades nas Ferrarias, a dar uma volta de quase cinco quilómetros. Mas a Câmara que temos não está para servir o povo. Talvez faça essas promessas (repetindo-as) nas próximas eleições... O caminho de Almofala a Aguda por Casal do Pedro está intran-sitável. O ribeiro tomou conta daquilo e para passar por ali só de barco. A Câmara pode fornecer-los?

Pois é, estragam-se quatro mil contos em piscinas para cisnes, tascas no Parque, carros de luxo para o presidente se pavonear, carros de luxo para o lixo barracões, jeeps (a substituir um que por desleixo ficou na rua e foi roubado), etc. etc. . . . mas para fazer estradas, fontenários, pontes e tudo o mais de que o concelho necessita não há dinheiro! Mas esperem os pelas eleições e vão ver como as promessas são muitas e bonitas .

Agradecimentos

Albino dos Santos

A família de Albino dos Santos, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe testemunharam o seu sentir e acompanharam aquele seu ente querido à sua última morada.

Para todos a sua eterna gratidão.

Manuel Freire

Seus filhos, Angelo e Rosa de Jesus Freire, genro, Joaquim Ventura David, netos e demais família, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam seu saudoso pai, sogro, avô e parente, MANUEL FREIRE, à sua última morada, e os confortaram na sua dor.

Para todos a sua maior gratidão.

Julio Simões

A família de Julio Simões que foi de Chão de Couce, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada o seu ente querido, JULIO SIMOES, e os confortaram na sua dor.

Para todos vai a sua eterna gratidão.

A derradeira viagem

Professor José Rodrigues Dias

No Hospital Distrital de Tomar faleceu, no dia 9 de Dezembro findo, o Professor José Rodrigues Dias, Figueiroense muito ilustre, nosso bom Amigo e apreciado colaborador.

Contava 84 anos de idade e era natural de Chávelho.

O saudoso extinto, que à causa do ersino prestou relevantes serviços, tendo sido muito justamente condecorado pelo Governo de 1964 com a Grã Cruz da Ordem de Instrução, frequentou o Seminário de Coimbra, não prosseguindo a carreira eclesiástica por imperativos militares. Com a entrada de Portugal na guerra mundial de 1914-18, foi abrangido pela mobilização geral e incorporado no Exército, atingindo o posto de Alferes.

Terminado o conflito ingressou no ensino primário, a que se devotou de alma e coração durante 41 anos, só tendo abandonado por haver atingido o limite de idade.

Iniciou a sua actividade pedagógica na Escola do Carapinhão, desta freguesia, tendo passado por Alfândão e por Torres Vedras onde permaneceu 14 anos, fixando-se na zona de Alvalade-Lisboa, até à sua aposentação.

Cidadão exemplaríssimo, dedicou toda a sua vida a fazer bem ao próximo e sobretudo às crianças que constituíram o seu permanente enlêvo. A todas as pessoas, conhecidas ou não, o Professor Rodrigues Dias dedicava um afecto cheio de ternura, muito raro nos dias que correm.

O ilustre Figueiroense, que foi, jornalista e poeta inspiradíssimo, tendo dado a este Jornal a sua preciosa e para nós muito honrosa colaboração, era irmão de Joaquim Rodrigues Dias, casado com D. Isaura Lopes Dias, residentes em Lisboa, D. Rosária da Conceição Dias, viuva de Francisco dos Santos, residente em Tomar e D. Irene da Conceição Dias, a dedicada companheira do saudoso extinto. Era tio de Jerónimo da Conceição Jore, casado com D. Adelina Gama Jorge, D. Auzenda Jorge Lopes, casada com Lindolfo Lopes, D. Irene da Conceição Vicente, viuva de Manuel Vicente, Manuel Dias Coelho, ausente no Brasil, Menina Rosária da Con-

ceição Dias Camoezas, distinta funcionária da Escola Preparatória nesta Vila, Anibal Dias Camoezas, casado com D. Belmira Costa Camoezas, D. Maria Irene da Conceição Francisco, casada com Joaquim da Conceição Francisco, residentes em Lusaka Zâmbia, Capitão Severo Dias dos Santos, Carlos Jorge Dias dos Santos, D. Maria Rosa Dias dos Santos, casada com José Calado, Victor Jorge Camoezas, nosso dedicado Amigo e figura muito considerada nos meios comercial e político, casado com D. Adília Mendes Lima Camoezas. Dra. Elvira de Jesus Dias Camoezas, casada com Dr. António Guerreiro Martins, Eng.º Sebastião Joaquim Lopes Dias, casado com D. Maria de Lourdes Martinho, Maria Graciela Lopes Dias, Lu's Filipe da Gama Jorge, casado com D. Helena Jorge, João Paulo Gama Jorge, Armindo da Conceição Vicente, António Paulo Costa Camoezas, Maria Cristina Costa Camoezas, Ana Maria Camoezas Francisco, Isabel Camoezas Francisco, Elsa Camoezas Francisco, Maria de Fátima Santos Calado, José Santos Calado, Maria Irene Mendes Lima Camoezas, Paulo Jorge Mendes Lima Camoezas, Alexandre Camoezas Martins, Paula Camoezas Martins, Alexandre Paulo Martinho Lopes Dias e João Carlos Martinho Lopes Dias.

O seu funeral, precedido de missa de corpo presente, realizou-se no dia seguinte para o cemitério desta Vila, nele se tendo incorporado centenas de pessoas de todas as camadas sociais, anotando-se ainda a presença de uma representação dos Bombeiros Voluntários locais.

Albino dos Santos (Vale Salgueiro)

No dia 2 de Dezembro e com a idade de 75 anos faleceu Albino dos Santos, natural e residente em Vale Salgueiro-Campelo.

Casado com D. Armanda dos Santos, era pai de Manuel, Rafael, Franklim e Armandos dos Santos Godinho, casados, respectivamente, com D. Generosa da Conceição, D. Lucinda de Abreu, D. Deolinda dos Santos e D. Ivone de Abreu.

Deixa oito netos: Victor Ma-

nuel Lopes Godinho, Manuel Abreu Godinho, Virgílio Abreu Godinho, Carlos Manuel Silva Godinho, Eduardo Manuel Abreu Godinho, Paula Maria Abreu Godinho, Maria de Lourdes Silva Godinho e Dora Sofia.

Na Igreja de Campelo celebrou-se missa de corpo presente e no funeral, que se constituiu numa grande manifestação de pesar, incorporaram-se inúmeras pessoas, muitas das quais idas de Figueiró dos Vinhos, Lisboa e outros pontos do País.

Da Graça

Manuel Freire

Contando 78 anos de idade faleceu em 25 de Dezembro no Hospital de Figueiró dos Vinhos, Manuel Freire, viuvo de D. Emília de Jesus e que residia em Casal dos Ferreiros desta freguesia.

Era pai do nosso bom Amigo Angelo de Jesus Freire, e de D. Rosa de Jesus Freire, casada com Joaquim Ventura David e deixa dois netos, João Manuel e Angelo de Jesus David.

O funeral após missa de corpo presente realizou-se no dia seguinte para o cemitério da Graça, nele se tendo incorporado muitas dezenas de pessoas.

Julio Simões

(Chão de Couce)

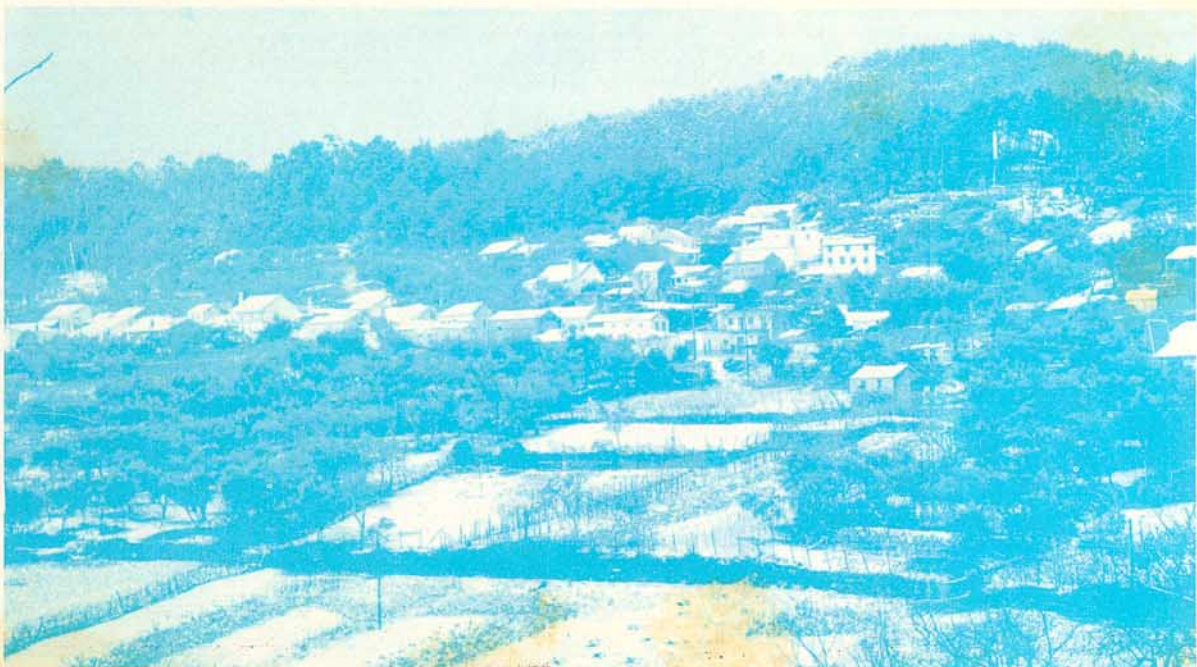
No dia 21 de Dezembro faleceu em Chão de Couce, Julio Simões, proprietário, que contava apenas 60 anos de idade.

O saudoso extinto, que era pessoa muito considerada graças aos seus dotes de carácter e honradez, deixa viuva D. Belmira do Carmo Nunes e era pai do nosso dedicado Amigo Mário Simões, proprietário da Salsicharia Moderna desta Vila, casado com D. Ilda Augusta Mendes, e de D. Maria Otília Simões Marques, casada com o nosso bom Amigo José Joaquim Pereira Marques, proprietário da Relojoaria Marques e de D. Maria Adelaide Simões, casada com Albertino Lucas.

Deixa cinco netos.

No dia seguinte, e após missa de corpo presente realizou-se, para o cemitério de Chão de Couce o funeral, que se constituiu numa grande manifestação de pesar, nele se tendo incorporado muitas dezenas de pessoas.

A's famílias enlutadas apresentam, quantos em «Comarca de Figueiró» trabalham, as mais sentidas condolências.





A equipa de Basquete dos INFLEXIVEIS



Turma de Andebol de Sete dos INFLEXIVEIS



Equipa de Futebol da Associação Desportiva



A Turma de Futebol de Pedrógão Grande



A última aula do Professor José Rodrigues Dias

Identificação Fotográfica

Ao alto da capa dois aspectos de Pedrógão Grande. Ao centro vista geral de Castanheira de Pera e a fechar uma vista de Figueiró dos Vinhos coberta de neve, na manhã de 21 de Dezembro último.

Na contra-capa: O casal José Barreto Napoleão e a filha Ivone que foi batizada em 1 de Dezembro. Ao lado a equipa de futebol de onze dos Inflexíveis. Ao centro, no baloiço a Tânia Marisa, neta do nosso Director, e no berço a pequena Yara, prima da Tânia. Fechando a página um grupo familiar conhecido entre os amigos pela «concha» e que é constituído pelo nosso Director, sua mulher, filhos, nora e netinha.

Na outra página impressa em Off-set, lado a lado dois novos casais, Maria Adília - Víctor Antunes junto ao altar e Maria Isabel - João Manuel perscrutando o horizonte.

Ao centro os famosos «Mecatrefes» do nosso querido Amigo Cunca de Almeida, o «O Menino» anónimo, que o Cunca e a Guidinha invocam com amor e carinho neste número.

A fechar um aspecto da bonita Aldeia de Ana de Aviz sob um manto de neve.

Comarca de Figueiró

Os nossos anunciantes, assinantes e leitores em geral merecem-nos o maior respeito. Esse triúmviro sustenta este Jornal que é, hoje, o quinzenário de maior expansão em todo o País. Pelo apoio que nos tem dado e projectou «Comarca de Figueiró» à sua actual dimensão, aqui deixamos o mais profundo reconhecimento.

O testemunho vivo desse reconhecimento está neste número que dedicamos a todos aqueles que nos têm apoiado. Fizemos questão de apresentar algo diferente. Maior número de páginas e dentre elas quatro e ainda as capas a off-set. Foi um esforço grande que fizemos e que exigiu alguns sacrifícios. Que damos por bem aplicados, na medida em que os bons Amigos deste Jornal m recem, na verdade, esta homenagem em que este número se constitui.

Colaboram neste número:

Sector Redactorial: Marçal Manuel, Henrique Pires Teixeira, Guida Pires Teixeira, Eng.

Jorge Claro, J. M. Cunha de Almeida, Antonino Marcelo Salgueiro Batista, Maria Elvira Pires Teixeira, Eng. Pedro Barros, António Luis Ferreira, Paulo Pires Teixeira, «Cristie» e Cláudio Lacerda

Composição: José do Carmo Gonçalves, Carlos Alberto C. Ferreira, Paulo Pires Teixeira, Aristides Carreira Fernandes e Carlos Alberto Almeida Simões.

Impressão: Paulo Pires Teixeira, Aristides Carreira Fernandes, José do Carmo Gonçalves, Carlos Alberto Almeida Simões, Luis Filipe Dias de Carvalho, Paulo Alexandre Ferreira Simões, Arinto, Maria Elvira Pires Teixeira, Carlos Manuel da Cunha Martins, Victor Manuel Mendes; Joaquim e Guida Pires Teixeira.

Maquetes: Marçal Manuel

Revisão: Marçal Manuel

Paginação: Paulo P. Teixeira

Fotografia: Foto Vitória

Orientação Gráfica: Aristides Carreira Fernandes

Repicam os Sinos

Ivone Marcelino Napoleão

Na Igreja Matriz da nossa Vila celebrou-se no dia 1 de Dezembro findo, a cerimónia de batismo da pequenina Ivone e Marcelino Napoleão, filha do nosso querido Amigo José da Conceição Barreto Napoleão e de sua esposa, D. Elisabeth Marques Marcelino Barreto Napoleão, neta paterna de José da Conceição Napoleão nosso bom Amigo e de sua esposa, D. Ana da Conceição Barreto Napoleão e materna, de Octávio Marcelino e de sua esposa, D. Preciosa Marques, de Cernache do Bonjardim.

Apadrinharam a neófita o nosso querido Amigo Flávio Henrique Marinha dos Reis e Moura, distinto Gerente da Agência da Caixa Geral de Depósitos nesta Vila e sua esposa, D. Maria do Patrocínio A. do Reis e Moura.

No final da cerimónia religiosa foi oferecido aos inúmeros convidados um fino beberete que teve lugar no Restaurante Panorama e que decorreu em clima do mais são convívio.

A bonita Ivone, seus pais avós e padrinhos, os nossos parabéns.

José da Conceição Santos

No gozo de férias esteve entre nós o nosso bom Amigo José da Conceição dos Santos, natural da Castanheira de Figueiró.

Este nosso conterrâneo que reside em Johannesburg-Africa do Sul onde é elemento destacado nos meios ligados à construção civil, veio acompanhado de sua esposa, D. Maria Madalena Angela Ferreira dos Santos e de suas filhinhas Luisa Isabel, Carla Fernanda e Sílvia Maria Ferreira dos Santos.

Com os votos de feliz regresso às suas actividades, desejamos ao casal amigo as maiores felicidades naquelas distantes terras que os ventos da insânia pretendem açoitiar.

João Ribeiro Martins

Acompanhado de sua esposa, D. Maria Godinho e filhinha, Zélia Maria Coelho Martins, esteve alguns dias na nossa terra o nosso bom Amigo João Ribeiro Martins, que se encontra radicado na cidade de Dudelange-Luxemburgo, onde goza da estima geral graças sobretudo às suas qualidades de trabalho e isenção.

Aqui deixamos os nossos votos de prosperidades e felicidades.

Manuel Simões Ferreira

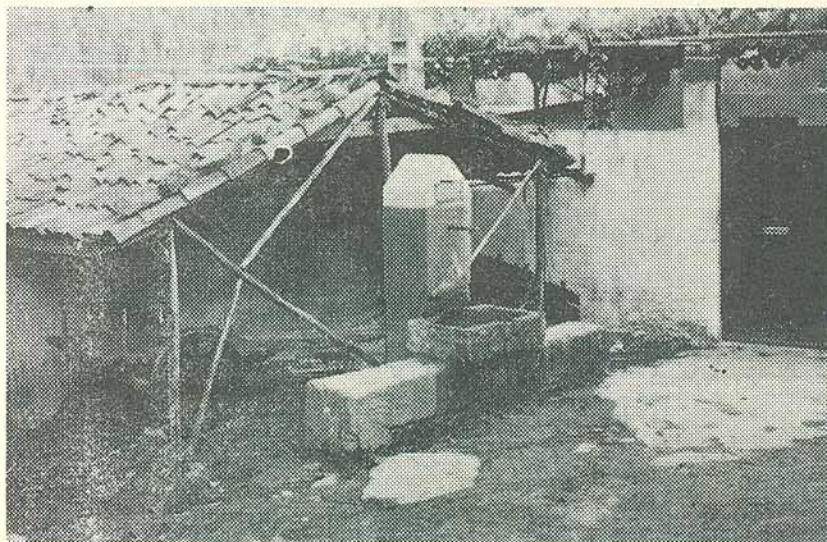
Este nosso bom Amigo que está radicado na cidade de Dudelange - Luxemburgo, esteve entre nós disfrutando merecidas férias.

Sabemos que ocupa hoje uma boa posição naquele país amigo e felicitamo-lo por isso ao mesmo tempo que lhe reiteramos os nossos votos de novos êxitos.

Joaquim da Conceição Mendes e Aires dos Santos Pinto

Após longos anos de ausência estiveram nesta Vila em gozo de férias, os nossos Amigos Aires dos Santos Pinto e Joaquim da Conceição Mendes, da Castanheira de Figueiró, que se dedicam à construção civil em Durban - África do Sul.

A estes bons amigos desejamos progressos sempre crescentes em ordem a realizarem todos os projectos e justas aspirações



Junto ao fontenário da Ribeira Velha uma estrumeira. (ver noticia na pág. 5)

